



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CENTRO DE GOIÂNIA: TRANSFORMAÇÃO DA POLUIÇÃO VISUAL EM ARTE POR MEIO DA PICHAGEM E GRAFITE

Carlos Alberto Pereira FILHO^{1*}

Ivamauro Ailton de Sousa SILVA^{1**}

RESUMO

A cidade como produto das relações sociais materializadas no espaço, uma obra inacabada, é cenário de influências e constantes transformações, o que se aplica em uma dinamicidade dos fenômenos sejam externos e internos. Nesse sentido, os espaços Urbanos são palcos de profundas manifestações políticas, culturais, econômicas e ambientais. Nessa perspectiva, a sociedade delinea-se em complexas representações sociais, com o intuito de chamar a atenção com *slogns*, frases, charges e críticas em diversos espaços Urbanos do país, inclusive no município de Goiânia-GO. Com isso, alguns sujeitos/grupos sociais criam-se nítidas formas de poluição visual denominadas de Pichagem e Grafite, que causam impactos patrimoniais na cidade e polêmicas entre o meio ambiente.

Palavras-Chave: Poluição Visual; Pichagem; Grafite; Arte

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de implementar propostas de Educação Ambiental, com o intuito de minimizar a Pichagem na região central de Goiânia, quando esta manifestação for compreendida como poluição visual ou vandalismo. Os estudos sobre essa “cultura de Rua” denominada pichagem, iniciou-se em sala de aula com ênfase na Disciplina de Metodologia e Práticas de Educação Ambiental, ministrada pela profa. Dra. Sandra Batista.

As pichagens e o grafite refletem as idéias de determinados grupos sociais, que se formam diante dessa manifestação de significação do mundo, de representação social. Nessa perspectiva Moraes (2005) elucida que ambos são sinônimos, mas se distinguem; a Pichagem está intrinsecamente relacionada com a marginalidade e caracteriza-se por grupos específicos que não fazem muito sentido para a população.

Por outro lado o Grafite tem um viés mais artístico e desse modo com autorização pode ser realizada. No que se refere ao conceito de Poluição Visual, Soares (2008) afirma que é tudo aquilo que rompe a harmonia do ambiente da cidade, assim o ato de pichar constituir-se em um impacto ambiental e ato criminoso/patrimonial.

¹ Graduandos em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG; *Professor da Rede Particular de Ensino de Goiânia; E-mail: carlosalbertopfilho@hotmail.com / **Bolsista do Programa Educação Tutorial-MEC. ivamauro@hotmail.com



Desta forma, esta pesquisa como forma de ação, mostra-se relevante, pois tem como propósito a melhoria do aspecto visual da cidade e visa diminuir os atos de pichação e grafiteagem sem autorização e fazer o uso de cursos em que se pretende a reflexão e conscientização do público-alvo. Isso tem o objetivo de propiciar o auxílio na formação de cidadãos que se posicionem criticamente em relação as questões de interesse cultural e ambiental, comum na região Central de Goiânia.

Destarte, estes Centros seriam espaços para educação ambiental, relacionada à pichação e à grafiteagem; profissionalização dos alunos como grafiteiros, lazer e cultura. Portanto o problema a ser tratado e solucionado com o projeto de ação são as pichações no Centro de Goiânia que no Brasil são consideradas vandalismo e crime ambiental, nos termos do art. 65 da Lei 9.605/98 (Lei dos Crimes Ambientais), que estipula pena de detenção de 3 meses a 1 ano, e multa, para quem pichar, grafitar ou por qualquer meio conspurcar edificação ou monumento urbano.

Contudo, para alcançar os pichadores é necessário que os centros de convivência sejam abertos a todas a comunidade que de alguma forma estejam interligadas como os pais, irmãos, amigos, entre outros. Assim, não há restrição quanto ao público do projeto, quanto à quantidade de participantes, dependerá da área disponibilizada para o trabalho, dos recursos adquiridos, bem como do número de voluntários agregados. Diante disso, a realização desse trabalho é uma oportunidade de aplicar e desenvolver e aplicar o conhecimento científico propostos em sala de aula, que de certa forma contribui para a nossa formação acadêmica.

Objetivo Geral

O presente estudo representa o desenvolvimento prévio de uma proposta ação que almeja propor alternativas metodológicas que visam minimizar os efeitos visuais negativos e os impactos patrimoniais que a Pichação e Grafiteagem causam no centro de Goiânia, propiciando uma auto-reflexão do público alvo a respeito dos impactos socioambientais causados por essa forma de poluição visual.

Objetivos Específicos

- Diminuir a incidência de pichações no Centro de Goiânia minimizando os efeitos visuais negativos nos centros urbanos



- Conceituar e Distinguir os termos Pichação de Grafiteagem
- Elucidar as técnicas diversas de grafiteagem, propondo mecanismos para transformar a poluição em arte.

Metodologia

Na elaboração deste trabalho foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e selecionados textos, Artigos Científicos, Projetos de Pesquisa, utilizados como fator de guia na proposta da pesquisa, coleta de informações e registros fotográficos na área abordada. O método utilizado baseia-se na pesquisa “qualitativa”, adapta-se às questões sociais e é caracterizada por não buscar enumerar ou medir eventos. Além disso, supõe um recorte temporal-espaçial de determinado fenômeno descrevendo o território a ser estudado (Região Central de Goiânia).

O trabalho encaminhou para a prática no centro de Goiânia, que teve como finalidade, fotografar alguns pontos da região que existe focos de Pichação e Grafiteagem que causam impactos patrimoniais urbanos. Em cada ponto foi realizado comentários, diálogos, interpretações e exposição de ideias, sobre as manifestações culturais. A ideia é criar condições objetivas para compreender como esses sujeitos se apropriam do espaço e recriam sentimentos de pertencimento, exclusão, reclusão, medo, utopias, desejos e por meio de suas práticas cotidianas de espacialidades no atual palco da sociedade moderna.

Caracterização da área de Estudo

O trabalho foi realizado na região central de Goiânia, Goiás, Brasil. O centro de Goiânia (Figura 1) foi escolhido por uma questão de ordem prática, sendo um projeto piloto. Contudo, para que os centros de convivência tenham eficácia, devem ser estendidos a outros setores.

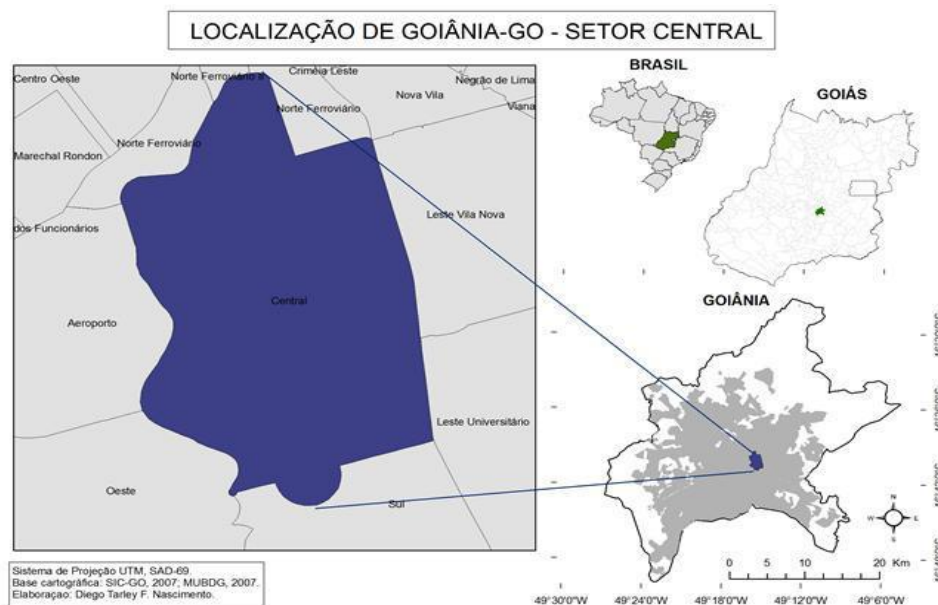


Figura 1. Mapa de localização da área de Estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Contexto Histórico: origens, diferenças e Representação Social

Alguns estudiosos tomam como raízes do grafite e da pichação as pinturas rupestres feitas pelos homens no interior das cavernas no período pré-histórico. Essas pinturas eram elementos representativos, carregados de significações e nos propiciam hoje a oportunidade de tentar entender como eram organizadas a sociedade e a cultura daquele período (PENNACHIN, 2003).

Nesse sentido, as pichações e o grafite refletem as idéias de determinados grupos sociais, que se formam diante dessa manifestação de significação do mundo, de representação social. É relevante enfatizar que essas formas de se expressar estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-político e cultural em que o grupo está inserido.

Nos Estados Unidos, entre 1966 e 1971, índios, negros e imigrantes latino-americanos encontraram na pichação uma maneira de subverter o Estado que não lhes garantia direitos básicos de cidadãos (emprego, saúde, alimentação e moradia) e não os reconheciam em suas particularidades culturais. Na França, em 1968, os trabalhadores e estudantes pichavam espaços públicos, reivindicando melhores condições de vida, salários e qualidade de ensino (SOARES, 2009)

Sobre as origens da pichação ou grafite, como forma de subverter as leis do Estado, Pennachin (2003) afirma que a origem do *graffiti* e da pichação é muitas vezes associado à



década de sessenta (60), quando imigrantes negros e porto-riquenhos residentes no bairro do Bronx começaram a espalhar pelas ruas e trens de Nova Iorque, nos Estados Unidos, seus *nicks* (do inglês, “apelidos”), também chamados de *signatures* (do inglês, “assinaturas”) seguidos do número de suas casas. (PENNACHIN, 2003).

Inicialmente a grafia da palavra era *graffiti* (escrita inglesa) era utilizada para designar a mesma coisa que pichação, isto é, eram sinônimas. Principalmente a partir dos anos 80, foi surgindo a diferenciação entre os termos, e pichação passou a denotar uma forma mais específica, restrita de manifestação.

Por outro lado, para não causar muita confusão e também devido ao fato de começar a haver fortes diferenciações dentro do movimento do *graffiti*, a palavra foi abrigada e passou a ser: grafite, uma forma mais popular desta expressão artística (MORAES, 2005).

Assim, a plasticidade, clareza e facilidade de compreensão do grafite (uma vez que o conteúdo da pichação era muito específico e restrito) facilitaram uma maior aceitação deste movimento por parte da população, o que acelerou o processo de diferenciação entre os dois termos. No entanto, não é possível definir com exatidão onde termina um e começa o outro.

Desta forma, após todo processo de repulsa, diferenciação e toda uma conjuntura de redefinição de público e de significados, pode-se dizer que enquanto a pichação continuou na marginalidade, como identidade de certos grupos sociais, na maioria dos casos, de periferia, com linguagem e caráter muito restrito a determinado público.

Assim, o grafite se institucionalizou em oficinas promovidas em projetos de secretarias de cultura e ganhou mais espaço e público, se direcionando para arte mural e perdendo um pouco as idéias iniciais que inspiraram o movimento. O grafite surgiu no Brasil há cerca de 40 anos, no período que abrangeu a ditadura militar no período de 1964 a 1985 (Figura 2)



Figura 02. Pichação no período da Ditadura Militar no Brasil – 1964-1985 (disponível em www.culturamix.com)

Formas de Crime Ambiental: Pichação, Grafite e Poluição visual

Tendo em vista que consideramos “questão ambiental” tudo aquilo relacionado ao meio em que estamos inseridos, podemos inferir a poluição visual nas cidades como sendo uma problemática ambiental.

Essa poluição visual se aplica pelo excesso de alguns elementos, como: outdoors, cartazes, placas, anúncios, banners, além de algumas atuações humanas não vinculadas diretamente à publicidade e propaganda, como: pichações, grafite, fios de eletricidade e telefônicos, lixo exposto nas ruas, entre outros. Esses elementos em excesso rompem certa harmonia existente no ambiente construído e natural das cidades.

Na literatura, Britto (2009) contempla que até 1998, o ato de pichar ou grafitar edificação ou monumento urbano era tratado segundo o artigo 163 do Código Penal. A partir de 12 de fevereiro de 1998, esse ato passa a ser punido conforme a Lei 9.065 (Lei dos Crimes Ambientais), que infere pena que pode variar de 3 meses a 1 ano de detenção e multa, e se o ato for realizado em monumentos ou bens tombados em razão de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, pena mínima de 6 meses.

De qualquer forma, a intolerância com as pichações e grafites em monumentos urbanos, sem solicitação, se dá de um modo geral, devido ao fato de as inscrições não



fazerem sentido à população, não terem denotação de protesto, como originalmente, mas apenas identificarem certos grupos que competem pela delimitação de algum espaço.

De acordo com Moraes (2005) os reflexos negativos destas condutas são percebidos tanto pelo ponto de vista ambiental, como pelo ponto de vista patrimonial. Contudo, o que mais choca não é somente o desrespeito pelo patrimônio alheio ou a poluição visual, mas também que tais condutas, longe de divulgarem mensagens de protesto (fator que antes era tido como inerente a estas ações), as pichações atuais mais se assemelham a atos de vandalismo gratuito contra o ordenamento urbano das cidades, ou então danos egoísticos à propriedade alheia.

Em regra, não poderíamos sequer admitir o argumento de que a conduta reflete o direito à liberdade de expressão de um indivíduo, já que a poluição visual decorrente das diversas inscrições, símbolos e desenhos, na grande maioria das vezes, sequer é decifrada pela população, que não vislumbra qualquer fundamento ou motivo para a maioria destas manifestações (MORAES, 2005)

Pelo exposto, o grafite, em uma percepção histórica, incorporou um viés mais artístico, por meio da aproximação com o hip hop e da linguagem universal e, portanto, obteve repercussão maior que a pichação, que mantém símbolos particulares de determinados grupos e que, portanto, não tem muita aspiração a ser institucionalizado em projetos culturais.

O que muito se encontra, são ex-pichadores que se tornaram grafiteiros e se apresentam em festivais. Entretanto, é relevante ressaltar que o grafite também só não é crime se mediante solicitação. Nesse contexto, Silva (1997), considera que diante dos problemas ambientais, culturais e sociais da sociedade pós moderna, a Geografia tem o papel de formar uma cidadania comprometida e responsável, alicerçada numa cultura do território coletivo.

A urbanização gera enormes problemas, deteriora o ambiente urbano, provoca a desorganização social, desemprego, problemas de higiene e de saneamento básico. Modifica a utilização do solo e transforma a paisagem urbana. A solução desses problemas obtém-se pela intervenção do poder público, que procura transformar o meio ambiente e criar novas formas urbanas.

Cenários da Pichação no Centro de Goiânia



A pichação em Goiânia teve início na década de 80, com o *stencilart* – máscaras, e o hip hop. O centro da cidade é o principal alvo dos pichadores, uma vez que representa uma localização privilegiada para o grupo, forma de demarcação e dominação do espaço central, onde quem comanda detém maior poder simbólico na linguagem dos pichadores.

Os principais grupos formados se relacionam com as torcidas-organizadas de futebol. Alguns exemplos de grupos de pichadores: TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) e FJG (Força Jovem do Goiás), BF (Bairro Feliz), BCO (Bombados do Criméia Oeste), BCL (Baixada Criméia Leste), MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), SNF (Setor Norte Ferroviário), UPS (União dos Pichadores Skatistas), OPG (Organização dos Pichadores de Goiânia), GAP (Grupo da Arte Proibida ou Grupo Anti Playboy), PKS (Porrada Komi Solta) e MAG (Mentes Atrás do Grafite) (BRITTO, 2009).

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

Para concretizar este projeto-ação pretende-se estabelecer parcerias com o conselho tutelar, para que crianças e adolescentes que forem pegos pichando a cidade sejam encaminhados ao grupo; com escolas públicas da região para utilizar o espaço físico destas; com o governo e com a iniciativa privada, disposta a patrocinar algumas atividades.

Entretanto, vale ressaltar que o projeto é aberto à participação de todos interessados. Por isso, será feita a divulgação do projeto junto à população. Quanto aos professores e organizadores dos cursos e palestras divulgaremos o projeto a grupos de grafiteiros e estudiosos do assunto em Goiânia, deixando bem claro que o envolvimento com o projeto será através de trabalho voluntário.

Então os futuros alunos farão suas inscrições na escola pública em que as atividades acontecerão, onde teremos diariamente voluntários responsáveis por realizar essas inscrições. As atividades propostas acontecerão durante oito (8) sábados. A carga horária será de quatro horas diárias.

Nas aulas iniciais tratar-se-á das diferenças entre pichação e grafite, do histórico do grafite no Brasil e das particularidades das pichações e do grafite em Goiânia. Depois, as aulas consistirão em práticas das técnicas de grafite e por fim, os alunos farão grafites em locais cuja concessão for dada. Assim, serão formados grupos de grafiteiros a partir do projeto-ação.



Orçamento

O presente trabalho tem o orçamento definido por diversos fatores, que podem variar, de acordo com as parcerias firmadas e com o número de participantes. Primeiramente, estamos desconsiderando, no orçamento, o local em que será realizado o projeto, pois este será disponibilizado pelo Estado, um dos parceiros do projeto, o qual irá ajudar, inclusive, na divulgação.

O orçamento consiste, portanto, em um número mínimo de móveis necessários para montar uma pequena área de convivência, materiais necessários para realizar os trabalhos e cursos, além de um lanche, como podemos ver na seguinte tabela.

Material	Quantidade	Preço unitário	Preço total
Conjunto estofado	3	R\$ 449,00	R\$ 1347,00
Conjunto de mesa	1	R\$ 227,00	R\$ 227,00
TV 29"	1	R\$ 699,00	R\$ 699,00
Mesa para computador	1	R\$ 199,00	R\$ 199,00
Microcomputador	1	R\$ 799,00	R\$ 799,00
Tintas Spray	40 *	R\$ 15,00	R\$ 600,00 *
Material de pintura (papel, tintas...)	10 **	R\$ 12,00	R\$ 120,00 **
Lanche (pão, manteiga, leite, café, açúcar, chocolate em pó)	-		R\$ 1200,00 ***
Total			R\$ 5191,00

Tabela 01. Orçamento dos materiais para a execução do Projeto de Ação

*Duas Unidades de cada cor.

** Conjunto com pincel, papel, e tinta Guache para um número mínimo de 10 crianças.

*** Preço médio de lanche dado uma vez ao dia a 30 pessoas, durante um mês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais a Geografia possui métodos já consolidados para o desenvolvimento de estudos ambientais, Culturais e Sociais, largamente utilizados em instrumentos que



visam avaliar impactos ambientais, causados no no espaço urbano e natural. Diante do panorâmico apresentado, fica válido inferir a relevância de se formular projetos de ação, que exponham todo o caráter histórico dos termos grafite e pichação e que instigue o público a se posicionar criticamente em relação a assuntos de interesse público.

Em outras palavras, ao receberem cursos de técnicas de grafite e de conscientização ambiental, espera-se que isso possa promover um trabalho artístico, que possa redundar em frutos positivos para os próprios sujeitos e que diminuam o excesso de poluição visual em Goiânia. O presente Projeto-ação teve como área de intervenção o centro de Goiânia, pois este é um projeto piloto, o que não impossibilita futura expansão para outras áreas da cidade.

Vale lembrar que, para uma análise integrada das representações sociais existentes no Centro de Goiânia é preciso uma atitude transdisciplinar, e cabe ao geógrafo eleger métodos, categorias e temas adequados para efetuar uma boa análise e ter bons resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTGARAGEM. **Grafite**. Disponível em: <http://www.Miniweb.com.br/Artes/artigos/grafite4.html>. Acesso em 17 de Fevereiro de 2011.

BRITTO, C. C. Linguagens do SPRAY: **Ação coletiva de desprezo e identidade no centro de Goiânia**. *Temporis (ação) (UEG)*, v.1, p.227-238, 2008. Disponível em: <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/26/42>. Acesso em 11 de Janeiro de 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.257p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases Epistemológicas da Questão Ambiental: O Método**. Orientação. São Paulo, IGEO/ DGEO/ USP, 1990.

MORAES, V. B. de. **A pichação e a grafiteagem na óptica do direito penal:delito de dano ou crime ambiental?** *Índex Jurídico Beta*, 2005. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8039>. Acesso em 07 de Fevereiro de 2011.

PENNACHIN, D. L. **SIGNOS SUBVERSIVOS: DAS SIGNIFICAÇÕES DE GRAFFITI E PICHÃO: Metrôpoles Contemporâneas como Miríades Sígnicas**. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP15_pennachin.pdf. Acesso em 20 de Janeiro de 2011.



SILVA, J. A. da. **Direito Urbanístico Brasileiro**. 2ª ed. rev. At. 2ª tiragem. São Paulo MALHEIROS EDITORES, 1997, 421p.

SILVA, Karine A.; SOUSA, Silvio B.; SILVA, Ivamauro A.de S. **Considerações acerca da contribuição Geográfica para o Estudo do Meio Ambiente: Direcionamento para o Planejamento Urbano Ambiental**. Rio Claro-SP - 05 a 07 de Outubro de 2010: Anais do I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, 2010. 8p.

SOARES, T. N. Vigiar e Punir: **As Pichações na Luta pelo Crepúsculo do Estado de Exceção no Brasil**. Revista Encontros de Vista, v.1, p. 1-11, 2008. Disponível em: http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/VIGIAR_E_PUNIR_AS_PICHACOES_N_A_LUTA_PEL_O_CREPUSCULO_DO_ESTADO.pdf. Acesso em 11 de Fevereiro de 2011.